



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

SABRINA FREITAS ARAÚJO

**FUTSAL FEMININO UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE
GÊNERO E PRECONCEITO NO ESPORTE**

FORTALEZA

2017

SABRINA FREITAS ARAÚJO

FUTSAL FEMININO UNIVERSITARIO: PERCEPÇÕES SOBRE QUESTÕES DE
GÊNERO E PRECONCEITO NO ESPORTE.

Monografia apresentada ao curso de Educação Física e Esportes da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Orientador: Dr. Léo Barbosa Nepomuceno.

FORTALEZA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A691f Araújo, Sabrina Freitas.
Futsal Feminino Universitário : percepções sobre questões de gênero e preconceito no esporte / Sabrina Freitas Araújo. – 2017.
57 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Curso de Educação Física, Fortaleza, 2017.
Orientação: Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno.

1. Gênero. 2. Desporto universitário. 3. Futsal feminino. I. Título.

CDD 790

FICHA DE APROVAÇÃO

SABRINA FREITAS ARAÚJO

**FUTSAL FEMININO UNIVERSITÁRIO: PERCEPÇÃO SOBRE QUESTÕES
DE GÊNERO E PRECONCEITO NO ESPORTE**

APROVADO, em: 14 / 12 / 2017.

Prof. Dr. Leo Barbosa Nepomuceno – Orientador
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Prof. Ms. Marcos Antônio Almeida Campos
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Profa. Tássia oliveira Ramos
Instituto de Educação Física e Esportes - IEFES.

Fortaleza – CE

2017

A Deus.

Aos meus pais e Fábio.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Léo Barbosa Nepomuceno, pela excelente orientação e paciência.

Aos professores participantes da banca examinadora Ms. Marcos Antônio Almeida Campos e Esp. Tássia Oliveira Ramos pelo tempo, por aceitarem participar da banca e por apoiarem o tema do trabalho.

Aos entrevistados, pelo tempo concedido nas entrevistas.

Aos amigos da turma de graduação, Marina, Denise, Debora, Júlio, Isadora e Lícia, pela nossa união e companheirismo, a caminhada sem vocês seria muito mais árdua. Obrigada Isadora por revisar as entrevistas e ajudar nas transcrições dos áudios.

Ao meu companheiro Fábio, por me ajudar na formatação e apoio moral, sem você não conseguiria realizar esse trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

O desporto é um campo rico para a fomentação de discussões sobre questões de gênero, porém carece de estudos que abordem esses assuntos. É recorrente no futsal feminino situações de preconceito, estereotípias e dessemelhanças nas oportunidades em praticar o desporto. Perante a importância do entendimento das diversidades inseridas no campo do desporto e a inserção da mulher nesse contexto esportivo, esta pesquisa teve por objetivo: Analisar percepções de atletas de futsal feminino sobre possíveis desigualdades e preconceitos de gênero no contexto do desporto universitário da UFC. A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, utilizando-se de questionários semi-estruturados para a realização das entrevistas, participaram dessa pesquisa 13 atletas da equipe de futsal feminino da Universidade Federal do Ceará. Os resultados, analisados a partir da técnica de análise de conteúdo de Minayo, foram agrupados em três temas: iniciação esportiva, preconceito e universidade e seus incentivos. As entrevistas mostram que o ainda é recorrente as dificuldades enfrentadas na iniciação do futsal feminino, muitas meninas por falta de escolinhas de futsal na sua escola e por passarem situações de preconceito acabam migrando para outros esportes, ainda é frequente o questionamento da sexualidade apenas por praticar a modalidade em questão, a Universidade oferece recursos similares aos times de futsal independente de gênero. Sugere-se que mais trabalhos que abordam essa temática sejam realizados no sentido de ampliar o conhecimento a respeito das questões de gênero que permeiam o futsal, bem como expandir a apropriação do esporte por mulheres que desejam praticar ou trabalhar em áreas afins.

Palavras-chave: Gênero. Desporto universitário. Futsal feminino.

ABSTRACT

Sport is a rich field for the creation of discussions on gender issues, but it lacks studies addressing these issues. It is recurring in women's futsal situations of prejudice, stereotyping and dissimilarities in the opportunities to practice sport. Given the importance of understanding the diversity of sport and the inclusion of women in this sporting context, this research had as objective: To analyze perceptions of female futsal athletes about possible gender inequalities and prejudices in the context of UFC university sport. The present research has a qualitative approach, using semi-structured questionnaires to conduct interviews, participated in this research thirteen athletes of the women's futsal team of the federal university of Ceará. The results, analyzed using the Minayo content analysis technique, were grouped into three themes: sports initiation, prejudice and university and their incentive. The data show that the still recurring difficulties faced in the initiation of female futsal, many girls because of lack of schools and preconception end up migrating to other sports, the questioning of sexuality is still frequent only for practicing the modality in question, the University offers similar features to gender-neutral futsal teams. In Brazil, where football is a national identity, women still do not have notoriety. It is suggested that more works that address this theme be carried out in order to broaden the knowledge about the gender issues that permeate futsal, as well as expand the appropriation of the sport by women who wish to practice or work in related fields.

Keywords: Gender. University sports. Women's Futsal

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Perfil das jogadoras de futsal da UFC.....	21
Figura 2 Análise de conteúdo de acordo com as entrevistas das atletas.....	22

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	14
2.1 Objetivo geral.....	14
2.2 Objetivo específico.....	14
3 A MULHER E O FUTEBOL	15
4 CORPOREIDADE FEMININA NO ESPORTE	18
5 QUESTÕES DE GÊNERO NO ESPORTE	21
6 METODOLOGIA	24
6.1 Amostra	24
6.2 Instrumentos e procedimentos	25
6.3 Análise de dados.....	26
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
7.1 Iniciação.....	28
7.1.1 Incentivo na iniciação.....	28
7.1.2 Migração para outros esportes.....	29
7.2 Preconceito	30
7.2.1 Situações de preconceito	30
7.2.2 Questionamento da sexualidade.....	31
7.3 Universidade	32
7.3.1 Incentivo ao desporto universitário	33
8 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS	37
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39
APÊNDICE B – ENTREVISTAS FUTSAL FEMININO UFC	40

1 INTRODUÇÃO

A educação física está diretamente envolvida com a reprodução do esporte que abrange diversas etapas, que pode ir desde a escola até o alto rendimento. É muito pertinente a abordagem do tema gênero no esporte, para fornecer um suporte ideal para todos que queiram praticar alguma modalidade esportiva, visando a construção de uma equidade de gênero no esporte e na sociedade. Segundo Adelman (2006), as práticas esportivas fornecem um terreno extremamente fértil para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea, mas ainda é um lugar muito sensível para se abordar assuntos sobre igualdade e quebra de padrões existentes no esporte, embora culturalmente estejamos em rumos de transição para referências mais igualitárias.

Se no passado apenas meninos praticavam o futebol, hoje as meninas também comparecem como jogadoras e não mais apenas como expectadora, buscando romper com as hierarquias de gênero. A prática do futebol por mulheres ainda é bem menor que o de homens, mas está longe de ser menosprezável. (SOUSA & ALTMANN, 1999).

A partir de 1930, a Educação Física é inserida na constituição brasileira e surgem leis que a tornam obrigatória no ensino secundário é introdução do esporte moderno como conteúdo da educação física escolar no Brasil. Aos homens eram permitidos jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, contato corporal e movimentos violentos, já a mulher era vista com um corpo mais frágil e apto a diferentes práticas corporais, como ginástica rítmica, voleibol e dança. O futebol é um esporte considerado violento hegemonicamente masculino, já quando praticado por mulheres poderia masculinizá-las ou até mesmo provocar lesões nos órgãos reprodutores, em contra partida se um homem praticasse esportes voltados socialmente para o gênero feminino ele poderia ser visto como efeminado. (SOUSA & ALTMANN, 1999).

É de extrema importância abordar e incentivar a participação de mulheres no esporte, principalmente os que são de difícil inserção como o futsal, por ser permeado por questões de gênero que acabam excluindo o sexo feminino dificultando sua participação. Segundo Devidé (2005), o cenário esportivo mundial engrandeceu ao possibilitar às mulheres competirem no esporte de performance e os Jogos Olímpicos, isso é um reflexo do movimento de inclusão. De muitos trabalhos existentes, há uma tendência em salientar as diferenças entre homens e mulheres no esporte e não a relação entre os grupos, por isso é importante a organização de seminários e congressos para mulheres esportistas,

administradoras e técnicas, entre outros aspectos, essas ações se tornam um incentivo potencial para a evolução da mulher na arena esportiva mundial e olímpica.

Existe uma grande necessidade de reflexão, a respeito do caráter natural atribuído ao corpo, ao gênero e à sexualidade, pois atos discriminatórios muitas vezes passam despercebidos, esses atos muitas vezes ocorrem em práticas esportivas e acabam excluindo alunos. Os professores devem educar por intermédio das práticas corporais e esportivas, ampliando possibilidades de intervenção junto aos sujeitos, para que eles possam exercer sua cidadania e liberdade constituindo-se como sujeitos sociais. (GOELLNER, 2010).

A prática do futebol feminino no Brasil se desenvolve por variados fatores, a resistência de algumas mulheres, interesses econômicos representados especialmente pela mídia, além da democratização do país ocorrida a partir da década de 80 e, com menor força, as próprias discussões efetuadas no campo acadêmico da Educação Física/Esporte. É papel do educador reconhecer a diferença entre os alunos, ensinando aceitação das diferenças individuais. Estarem atentos às questões de gênero que ocorrem numa aula de Educação Física é uma forma de ajudar os jovens a construir relações de gênero com equidade e respeito pela diferença. (DARIDO, 2002).

O estudo justifica-se peça pesquisadora ter um interesse e convívio com o esporte desde os tempos da educação física escolar até a disciplina esportes coletivo: futsal e futebol, cursada na graduação em educação física. Durante os estágios obrigatórios da faculdade, foi optado realizar a intervenção na seleção de futsal feminina e masculina da UFC, dois semestres foram dedicados a observação e intervenção nas duas seleções e com esse tempo de experiência foi notado diversas diferenças entre o futsal feminino e masculino. A partir dessa vivência que surgiu a motivação para estudar e entender o porquê das diferenças entre os gêneros e quais dificuldades as atletas da Universidade Federal do Ceará enfrentam por serem mulheres em um universo masculinizado.

O presente trabalho visa contribuir para os estudos pré-existentes sobre gênero no futsal, para prática esportiva e sobre a modalidade em si, aumentando a quantidade desses estudos e trazendo informações atualizadas acerca do assunto. Com a intenção de ajudar treinadores de equipes de futsal, professores de disciplinas relacionadas e atletas universitárias da faixa etária pesquisada, a ter uma base teórica, em que se possa fazer um trabalho mais eficiente, minimizando preconceitos e melhorando o desempenho, tentando minimizar a desistência dos alunos e influenciando mais meninas a praticarem futsal ou o esporte que elas se identificarem melhor.

Este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro, a mulher e o futebol, abordam estudos sobre futsal e futebol feminino no Brasil, falando das dificuldades da inserção da mulher no decorrer dos anos. O segundo capítulo reporta a corporeidade feminina no esporte, trazendo a tona assuntos importante como imagem corporal, beleza e espetacularização do corpo e o olhar da mídia sobre essas mulheres praticantes do futebol. O terceiro capítulo, questões de gênero no esporte, irá falar sobre conceitos e estudos sobre gênero, retratando questões como, estereótipos, preconceito e discriminação que permeiam a infância da mulher passando por a fase escolar até chegar ao rendimento.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Analisar percepções de atletas de futsal feminino sobre possíveis desigualdades e preconceitos de gênero no contexto do desporto universitário da UFC.

2.2 Objetivo específico

- Identificar possíveis manifestações de preconceito de gênero percebido pelas participantes do estudo.
- Analisar como as mudanças corporais, ligadas a prática do futsal, interferem na vida das atletas.
- Avaliar o suporte que a Universidade oferece para as atletas praticantes de futsal, em relação à comissão técnica, espaço adequado para o treinamento, material esportivo e incentivo para participar de eventos esportivos, além de entender se o esporte feminino tem os mesmos incentivos que o masculino na visão das atletas universitárias.

3 A MULHER E O FUTEBOL

A inserção da mulher no esporte surge rodeada de dificuldades, pois era difícil romper as barreiras de uma sociedade que enaltece o homem como ser forte e viril dotado de atributos físicos como força e velocidade, já a mulher era considerada um ser mais frágil, como podemos ver no trecho abaixo:

O suor excessivo, o esforço físico, as emoções fortes, as competições, a rivalidade consentida, os músculos delineados, os gestos espetacularizados do corpo, a liberdade de movimentos, a leveza das roupas e a seminudez, práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionadas à mulher, despertavam suspeitas porque pareciam abrandar certos limites que contornavam uma imagem ideal de ser feminina. Pareciam, ainda, desestabilizar o terreno criado e mantido sob domínio masculino cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo, deveria atestar a superioridade deles em relação a elas. (GOELLNER 2005 p.92).

A história da mulher no futebol brasileiro é um reflexo de quatro possibilidades, a prática do futebol por mulheres ocorria na praia e no campo, quando posteriormente passou também ao futebol society e ao futebol de salão, pois devido à falta de equipes exclusivas em cada uma destas manifestações, as mulheres praticantes circulavam entre as tais modalidades aparentadas entre si. Apesar de há muito tempo se ter notícia da prática do futebol por mulheres, o futebol feminino não se desenvolveu adequadamente no Brasil, o chamado “país do futebol”. Este atraso ou impedimento não admite uma análise linear, pois depende, em princípio, do cruzamento das quatro modalidades do futebol que foram citadas. (MOREL & SALLES, 2005).

São poucas os relatos sobre o início da mulher no futebol, entre eles podemos conhecer:

[...] em 1950, na pioneira História do Futebol no Brasil, obra do jornalista Thomaz Mazzoni, e é taxativa: ao mencionar o primeiro confronto entre paulistas e cariocas no Pacaembu, disputado por São Paulo F. C. e América F. C. em 1940, o autor diz que “nesse jogo, como preliminar, foi lançado o futebol feminino, cujo interesse se limitou a esse único jogo. Morreu logo o futebol de moças”. Mais recentemente, na década de 1990, o historiador José Sebastião Witter afirma, em nota de rodapé ao texto de sua Breve História do Futebol Brasileiro, que “no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros”. Franzini (2005 p.317).

Na década de 40, foi proibida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo-aquático, pólo, rúgbi, halterofilismo e baseball. Essa

proibição foi publicada em 14 de abril de 1941 no Conselho Nacional de Desportos, nos artigos 1º e 3º do Decreto-Lei n 3199, em cumprimento à determinação contida no artigo 54.

Segundo Franzini (2005), a proibição só veio a ser revogada na década de 1980, a partir dessa conquista veio o surgimento de departamentos de futebol feminino em vários clubes do país, além do surgimento de equipes como a do Radar, do Rio de Janeiro. Mesmo assim, as dificuldades sociais ainda atrapalhavam o desenvolvimento da modalidade feminina. Tanto que nem a conquista do quarto lugar nas Olimpíadas de Atlanta (1996) e de Sydney (2000), ou a medalha de bronze na Copa do Mundo de 1999 bastou para fixar uma estrutura que guardasse alguma semelhança com a do masculino.

Goellner (2005 p.) orienta para a importância do final da década de 70, que foi quando se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres.

A expectativa na década de 90 era da consolidação da presença da mulher no futebol devido aos bons resultados nos campeonatos sul-americanos, nos Jogos Olímpicos, e também a implantação dos campeonatos mundiais pela FIFA. Estes eventos indicavam que haveria um maior interesse do público, da mídia, além do interesse de empresas que patrocinassem o esporte. Todavia, este crescimento não se confirmou, pois o aumento no número de praticantes não provocou o interesse da mídia, indispensável para o crescimento e expansão do futebol feminino. (MOREL & SALLES, 2005).

"A trajetória do Futebol feminino nos jornais revelou que esse esporte ainda não encontrou seu espaço permanente na vida e na mídia esportiva brasileira. O que verificamos são ondas que até o momento oscilam, mas não garantem o fenômeno das marés. (MOURÃO et al.; 2008, p.84)."

A mídia esportiva confere pouca notoriedade ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não só talentos e competências esportivas das atletas, árbitras ou treinadoras mas a sua imagem e o seu comportamento. Um exemplo que podemos observar na reportagem que o Jornal Zero Hora publicou, no dia 11 de maio de 2005, sobre a árbitra assistente Ana Paula de Oliveira cuja competência vem sendo destacada pelos pares. Intitulada "Uma celebridade do apito" a matéria evidencia os atributos físicos da árbitra em campo e também no 15o. Encontro do Esporte, realizado na cidade de Porto Alegre, onde foi bastante assediada pelos participantes. (GOELLNER, 2005).

Passado mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina que foi construída e mantida ao longo da história do

futebol no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo por ser “coisa de homem”, já outras enfrentam dificuldades para tentar se afirmar dentro dos gramados, se arriscando na prática da modalidade. (FRANZINI, 2005).

Com os anos tivemos muitos avanços no futebol feminino, mas ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são poucos campeonatos, são mínimas as contratações das atletas são efêmeras e há uma falta políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas, (GOELLNER, 2005).

4 CORPOREIDADE FEMININA NO ESPORTE

O corpo não é algo que está dado a priori, ele resulta de uma construção cultural, a qual é conferida diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas e grupos sociais, étnicos entre outros. O corpo é educado por meio de um processo constante e meticuloso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar. Ele pode ser educado de varias formas na escola, na religião, na mídia, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente, com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais. (GOELLNER, 2010).

Com o declínio da domesticidade feminina, o padrão da fragilidade começa a ser substituído por um novo ideal, que se adéqua a idéia de ‘mulher ativa’ que começa a construir-se, nas primeiras décadas do século XX. O poder da imagem advinda da cultura da beleza femínea é muito forte vem esboçando um corpo feminino ideal, voltado no fitness exaltando a beleza magra e firme, sem grande exaltação dos músculos e requer muitas horas de trabalho, de investimentos em tempo e dinheiro que, com certeza, não estão à disposição de uma boa parcela da população. (ADELMAN, 2003).

O esporte feminino para sobreviver e libertar-se do julgo de uma sociedade machista, acaba tendo que ter uma atenção maior com a aparência, reforçando uma ideia de feminino que é reproduzida culturalmente. Segundo a historiadora norte-americana Mary JoFestle mulheres atletas profissionais são quase obrigadas a adotar uma postura apologética, tomando o cuidado necessário de mostrar para o público que sua prática no esporte não compromete sua feminilidade. (ADELMAN apud FESTLE, 2003).

Quando jogadoras inserem no esporte elementos que remetem a supostas práticas femininas (como cabelos compridos, unhas pintadas, uniformes mais ajustados) acabam por corroborar com a idealização do ser feminino e reforçam a luta pela legitimidade de um corpo que incorporou tanto as características do esporte (como a força, a resistência, o combate) quanto as características entendidas socialmente como femininas (como a sensualidade, a beleza, o cuidado etc.). (SALVINI et al. 2012).

As mulheres precisam ser valorizadas pelo que são e não pela sua aparência. O esporte deve ser incentivado em função de outros objetivos, como, por exemplo, socialização, exercício de liberdades, experimentação de situações de consciência corporal, aprendizagem

de técnicas, entre outros. Essa orientação voltada para a estética, talvez seja um fator limitador, para que se participe de atividades que envolvam maior força física, como esportes de contato. (GOELLNER, 2010).

A beleza corporal das jogadoras, muitas vezes vem sendo exaltada como um atrativo maior que o jogo em si, deixando de lado as capacidades técnicas, como pode ser visualizado na música a seguir cantada na arquibancada: “Pode perder ou pode ganhar, o importante é ver os peitinhos balançar” (PACHECO, 2014).

A participação feminina no esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça complementaridade, pois chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em risco características tidas como constitutivas da feminilidade. Complementaridade porque parceira do homem em atitudes e hábitos sociais, cujo exercício simboliza um modo moderno e civilizado de ser. (GOELLNER, 2005).

No futebol feminino de alto rendimento é comum encontrar mulheres com o desenvolvimento corporal parecido com homens que também praticam o esporte, por trabalharem os mesmos treinamentos acabam desenvolvendo musculaturas semelhantes. Essas mulheres acabam sendo questionadas sobre sua sexualidade e sofrendo com apelidos como "machuda". Segundo SALVINI et al. (2012) o corpo feminino no futebol nem sempre se constrói de maneira a legitimar, ou a exaltar, os atributos de feminilidade em um espaço em que as características dominantes são as masculinas, a sexualidade dessas jogadoras é questionada. Quando as jogadoras acabam se distanciando da noção de centralidade do gênero feminino apresentar, ou na apresentação do seu corpo, dos seus gestos, de sua fala e do seu modo de agir, menor é sua legitimidade como mulher.

A beleza e a sensualidade feminina estão em foco, a espetacularização do corpo feminino acaba sendo incentivada em vários meios sociais. No campo de futebol, ela direciona-se para o estranhamento a estes corpos femininos, pois às mulheres, cuja aparência corporal é excessivamente transformada pelo exercício físico e pelo treinamento contínuo, são atribuídas características viris que não apenas questionam sua feminilidade, mas também coloca em dúvida a autenticidade do seu sexo. Várias vezes as jogadora de futebol são questionadas a respeito da sua sexualidade, parecendo ser comum essa inspeção. (GOELLNER, 2005).

A invisibilidade feminina nos esportes é decorrente de vários fatores, dentre eles a mídia, que divulga pouco as esportistas em comparação com atletas masculinos. Segundo Souza et al. (2007), mesmo ocorrendo vários eventos esportivos para mulheres, o maior diário

da mídia nacional, em sua sessão de esportes no período, fez 93 matérias sobre o esporte para mulheres, e 689 reportagens sobre o esporte masculino - uma diferença de cerca de 700%.

O futebol feminino gerou grande repercussão durante os Jogos Olímpicos do Rio 2016, o que não foi suficiente para a modalidade ganhar espaço no País. Segundo Mourão et al. (2008), a trajetória do Futebol nos jornais revelou que esse esporte ainda não encontrou seu espaço permanente na mídia esportiva brasileira. O que podemos notar são flashes de luz que repercutem sobre as mulheres, mas nenhuma lâmpada em destaque frequente fica acesa na mídia. Observa-se uma resistência à inserção das mulheres nos gramados, como se o brilho do esporte pudesse ser diminuído pela sua prática.

Os meios de comunicação visam a mulher que pratica esporte, para além das habilidades esportivas, eles anseiam pela espetacularização dos corpos femininos no esporte. No mesmo caminho os dirigentes também incorporaram ao seu discurso e também investimentos na feminilização dos corpos das jogadoras, pois, estando próximo do padrão esperado e construído socialmente para o gênero feminino, a possibilidade de obter patrocínios de empresas que queiram vincular sua marca ao futebol das mulheres, aumenta.(SALVINI et al. 2012).

A narrativa de jornais e revistas é um dos fatores construtores da identidade feminina e do futebol nacional, porém na mídia impressa podemos notar que as metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência, tornam a linguagem seletiva para o público destinatário, que constrói e/ou reforça estereótipos, polêmicas, interdições e normatizações acerca da prática do futebol feminino. (MOURÃO et al. 2008).

5 QUESTÕES DE GÊNERO NO ESPORTE

Conforme Goellner (2010), o termo diversidade está se tomando comum em diversas práticas pedagógicas. a partir desse termo precisamos compreender que os sujeitos são diferentes não apenas porque pertencem a classes sociais distintas, mas também nos distinguimos por outros marcadores de identidade, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, entre outros.

No meio esportivo muitas pessoas que são atípicas no esporte acabam sendo excluídas de práticas, por questões culturais que muitas vezes atrapalham o desenvolvimento dessas pessoas, além do pré conceito e falta de incentivo da mídia e organizações esportivas, como vemos na citação a seguir: Reconhecer a diversidade significa aceitar a idéia de que ser diferente não significa ser desigual, pois, em nome desses marcadores identitários, muitos sujeitos têm sido excluídos de vários direitos sociais, inclusive o acesso e a permanência ao esporte e ao lazer. (GOELLNER, 2010).

O gênero é entendido como aquilo que diferencia a condição social das pessoas, tendo em vista os padrões histórico-culturais atribuídos para os homens e mulheres. Por ser um papel social, o gênero pode ser construído e desconstruído. Segundo Goellner (2010), o gênero não é algo que já nascemos, diferente do sexo que é um termo usado para a identificação anatômica de homens e mulheres, gênero é algo que se constrói social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica ser masculino e/ou feminino.

A escolha da cor da roupa que você vai usar o brinquedo que você brinca na sua infância ou até mesmo o esporte praticado pode ser influenciado por uma questão de gênero, um menino que queira dançar balé e uma menina que queira praticar futsal no Brasil, podem encontrar inúmeras dificuldades por ser práticas que socialmente sofrem com uma divisão de gênero. Segundo Monteiro (2017), as relações de construção de gênero estão sempre em mudanças e os relacionamentos sociais têm grande importância nisso. O gênero não é apenas reproduzido socialmente, mas também construído e transmitido de uma geração a outra. Em nosso país é a forte divisão de gênero entre as expectativas para brincadeiras e gostos. É fácil encontrar pais aconselhando suas filhas a não praticarem determinados esportes, como esportes de contato físico e lutas já com os meninos causam risos dizer que um menino dança com leveza.

Muitas meninas que querem praticar algum esporte já começam enfrentando dificuldades nas aulas de educação física. Os profissionais da área de educação física devem se preocupar com a inclusão de todos nas atividades, mas nem sempre isso acontece, muitas vezes os meninos levam vantagens nas práticas como passar mais tempo jogando. Segundo Monteiro (2017), muitos meninos reclamam nas aulas quando a educação física é conjunta para pessoas dos dois sexos, verificamos isso em propostas para que as meninas “joguem depois” ou então fiquem brincando em outros espaços (normalmente menores e/ou com importância inferior). Por parte das meninas também é observado a reclamação de que os meninos poderiam impedi-las de participar nas aulas. Essas atitudes ocorrem principalmente nos esportes, quando os meninos acabam por considerar que as meninas não possuem a habilidade esportiva necessária ou simplesmente as excluem por serem mulheres. O que também pode ocorrer são meninas que se recusam a participar das atividades juntamente com os meninos por considerá-los violentos e sem educação.

É importante salientar que existem diferenças de habilidade entre os meninos e entre as meninas. Essas diferenças resultam não apenas de uma anatomia distinta, mas, principalmente, de vivências e experiências de movimento diferenciadas desde o nascimento. Por tal motivo faz-se necessário a elaboração de medidas que ajudem a envolver a participação daqueles considerados menos habilidosos para o esporte, dando oportunidades para se amadurecer as habilidades. (GOELLNER, 2010).

As habilidades esportivas devem ser aprendidas de uma maneira geral, permitindo que meninos e meninas tenham um suporte para escolher uma modalidade que se identifique mais. Segundo Altmann et al.(2011), o conhecimento que vem sendo ofertado para as pessoas são diferenciados, marcados por concepções restritas e estereotipadas, faz-se necessário que nas aulas de educação física tenha uma diversificação dos conteúdos que tente trabalhar o repertório de conhecimento dos alunos, também no âmbito corporal, incluindo o desenvolvimento de habilidades para ambos os sexos. Se considerarmos que o gosto é construído nas relações sociais, não sendo possível gostar daquilo que não se conhece, o maior domínio de conhecimentos ligados às práticas corporais teria efeitos sobre o apreço que se tem em relação a elas.

Durante um estudo feito com meninos e meninas nas aulas de Educação Física, com uma perspectiva de aula coeducativa foi concluído a importância de problematizar concepções estereotipadas do feminino e do masculino, encontradas entre docentes e discentes, mostrando que nem todos os meninos se identificam com esporte de jogos coletivos e que meninas também sabem e gostam de jogar esportes coletivos. (ALTMANN et al. 2011).

Ser mulher e jogar futebol é enfrentar inúmeras dificuldades, pois existe um grande preconceito relacionado ao gênero. Segundo Salvini et al. (2012), o preconceito de gênero frente às mulheres que jogam futebol ou que então praticam esportes estabelecidos como masculinos, pode ser pensado como violência simbólica, que se sucede nos fazendo crer e reproduzir crenças, na qual o corpo feminino é veiculado como objeto de consumo no processo de mercantilização do esporte. O esporte de contato acaba por reforçar preceitos como o ser viril do homem, que é forte e capaz de realizar com destreza capacidades esportivas do futebol já a mulher é vista como delicada e submissa.

Algumas das mulheres que praticam futebol no Brasil acabam transgredindo o que se considera comum ao seu corpo e comportamento, questionam a hegemonia esportiva masculina historicamente construída e culturalmente assimilada e enfrentam os preconceitos e questões de poder. Em contra ponto outras mulheres acabam praticando o esporte e não questionando diversas questões subjacentes a ela, acabam por aceitar pacificamente as complicações causadas por ser mulher e ainda acabam por ter uma preocupação a cerca da feminilidade e sua identidade, exibem sua beleza e espetacularizam seus corpos. (GOELLNER, 2005).

6 METODOLOGIA

6.1 Amostra

O presente estudo utilizou a abordagem qualitativa em pesquisa. A pesquisa se qualifica como qualitativa, pois segundo Minayo (2011), a pesquisa qualitativa não se preocupa em fazer generalizações estatísticas, ela responde a questões muito particulares, trabalha com o universo dos significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes. Corresponde a um lugar mais profundo das interações, dos processos e fenômenos.

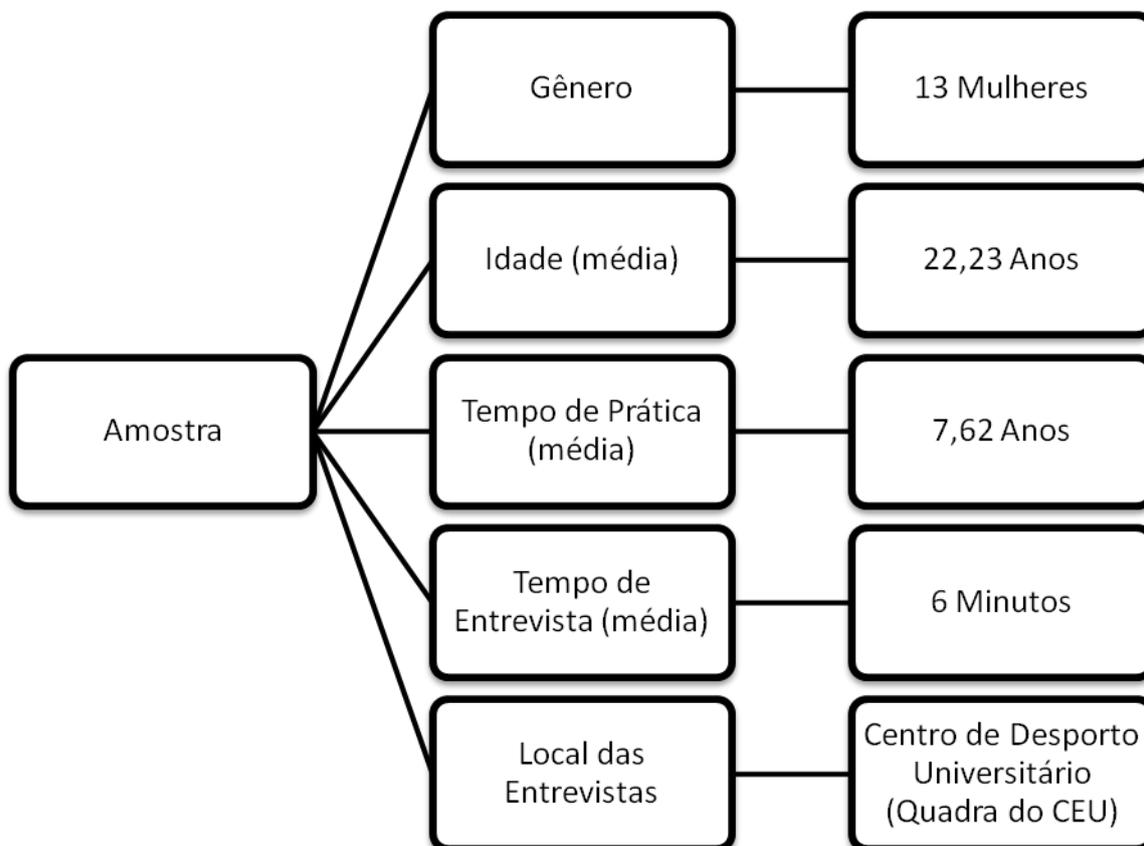
Segundo Flick (2008), a pesquisa qualitativa não tem um só conceito de teoria e metodologia que são unificados, ela parte de um ponto de vista subjetivo. A comunicação do pesquisador que vai a campo, interagir e recolher informações do meio e dos atores sociais, é vista como uma parte importantíssima na geração de conhecimento, pois os objetos de estudo não são reduzidos a uma simples variável e sim contemplados em suas singularidades.

As idéias centrais que orientam a pesquisa qualitativa se diferem daquelas da pesquisa quantitativa. Os aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos. (FLICK 2008)

Os indivíduos entrevistados pertencem à seleção de futsal da Universidade Federal do Ceará (UFC) e foram entrevistadas treze (n=13) atletas. Os participantes receberam a letra E e um número de identificação, e as perguntas com a letra F e um número, e toda e qualquer informação individual obtida durante esse estudo foi totalmente sigilosa, sendo assim não foi usado os nomes dos voluntários, apenas a identificação por letras e números. O critério de inclusão foi praticar no mínimo dois anos de futsal.

O presente estudo foi integrado por 13 atletas de futsal do desporto universitário da UFC. A partir do questionário aplicado, foram coletadas informações que caracterizaram a população pesquisada. Percebe-se conforme apresentado na Figura 1 que são atletas jovens com media de idade de 22,23 anos, com tempo de prática em media de 7,26 anos. Para evitar reconhecimento das participantes, não foi perguntado o curso de graduação que elas fazem na UFC e para facilitar as entrevistas foram feitas no próprio local de treino das atletas, como descrito na figura 1.

Figura 1- Perfil das jogadoras de futsal, time UFC. Fortaleza/CE,2017.



6.2 Instrumentos e procedimentos

Foram utilizados dois questionários, divididos em duas partes: a primeira parte composta por questões fechadas, que investigavam os dados pessoais das atletas como idade e tempo de prática esportiva, a fim de identificar um perfil para as jogadoras. A segunda parte ocorreu o questionário semi-estruturado. Segundo Minayo (2011), a entrevista é o processo mais frequente utilizado no trabalho de campo. A conversa entre o pesquisador e o ator social não se desenvolve sendo neutra, pois é baseado nos relatos que ira ser coletada informações acerca de um determinado tema científico, a partir da vivencia em uma determinada realidade que está em enfoque. A entrevista pode ainda ser individual ou coletiva.

As entrevistas semi-estruturadas é um mix da modalidade estruturada e não estruturada, correspondendo a perguntas previamente formuladas, mas também com a liberdade de abordar livremente o tema em discussão. (MINAYO, 2011)

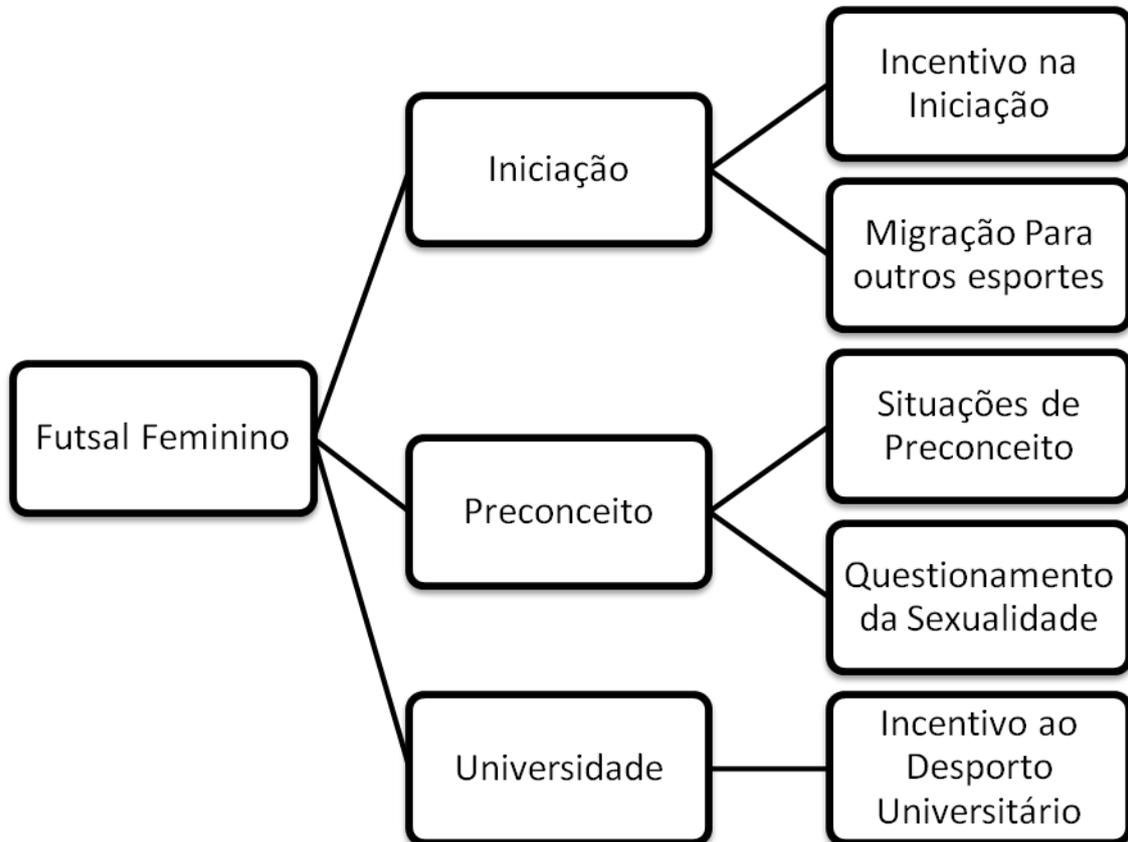
Os questionários foram aplicados entre os dias 02 de outubro de 2017 ao dia 30 de outubro de 2017, local das entrevistas foi no centro de treinamento universitário, localizado na quadra do CEU.

6.3 Análise de dados

As informações coletadas foram analisadas de duas formas: os dados referentes às questões fechadas foram alocados em quadros e figuras, afim de possibilitar a identificação de um perfil das atletas, já a análise de dados da entrevista semi- estruturada foi feita através da análise de conteúdo utilizando acordo com (MINAYO, 2011):

A análise de conteúdo abrangeu três fases. Na primeira fase, foi feita a organização do material, foi marcado os trechos mais significativos. Na segunda fase, foram feitas várias leituras e foram separados os temas mais relevantes e que se repetiam, como iniciação, preconceito e Universidade. Os subitens foram, falta de incentivo na iniciação, migração para outros esportes, situações de preconceito, questionamento da sexualidade e incentivos da Universidade. Na terceira fase, as entrevistas foram comparadas a outros estudos já publicados, foi feita uma comparação das falas das atletas entrevistadas com a literatura existente, como podemos ver na figura 2.

Figura 2- Análise de conteúdo, de acordo com as entrevistas das atletas.
Fortaleza/CE,2017.



7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias que foram mais relevantes durante a leitura das entrevistas feitas com as atletas de futsal feminino, foram eles: iniciação, que vai abordar como foi a iniciação das atletas no esporte, com duas subcategorias a primeira de incentivo na iniciação, que vai abordar a importância das escolinhas específica para meninas, a segunda é a migração para outros esportes, foi muito relatado durante as falas, que por não ter futsal feminino na escola, as alunas acabavam migrando para esportes como voleibol e handebol.

Na segunda categoria foi abordado o preconceito sofrido por ser mulher e praticar futsal, que foi dividido em 2 subcategorias, a primeira que vai relatar as situações de preconceito sofridas pelas atletas e o segundo a respeito do questionamento da sexualidade da mulher que pratica esse esporte. Universidade é a última categoria, que vai falar sobre os incentivos que a UFC proporciona para as praticantes de futsal, além de relatar possíveis diferenças de tratamento entre a equipe masculina e feminina.

7.1 Iniciação

7.1.1 Incentivo na iniciação

Segundo Almeida, Couto e Leite (2009), não é difícil ver professores de Educação Física que fazem uma distinção de tratamentos para meninos e meninas, talvez o despreparo de muitos deles seja um forte indício da desigualdade de oportunidades a qual meninas são submetidas.

Assim, eu nunca tive um treinamento específico no futsal, fui começar a ter treinamento aqui na universidade, então eu tive muita dificuldade em questões táticas e pra entender o jogo, a compreensão de jogo e também as técnicas sem relação a um passe, um passe certo essas coisas assim. (E5 F3)

Segundo Bastos et al. (2009), inúmeras meninas que gostam de praticar futsal, encontram inúmeras dificuldades para poder efetuar sua prática. As meninas acabam buscando espaço jogando com meninos, seja nas ruas, nas escolas, nas escolinhas de Futsal ou em outros locais.

Não, era mais pra participar de jogos escolares mesmo, mas eu tinha dificuldades na hora da educação física raramente tinha menina que gostava de jogar maioria era só os meninos, ai eu tinha que jogar com eles e eu dava o maior valor e mesmo eu vendo que eles realmente não gostavam porque era uma menina jogando (E8 F3.1)

Segundo Bastos et al. (2009), a pouca disponibilidade de literatura a respeito do futsal feminino nas escolas, tem relação com o desprestígio quando dizem que treinam futsal, mas isso não significa que não existam meninas treinando em suas escolas e cooperando para que o futsal feminino escolar se torne notório.

Na verdade foi bem difícil, a gente conseguiu essa escolinha no colégio porque as meninas foram atrás mesmo, mas não existia isso, tanto que quando a gente saiu acabou o time que tinha lá. (E6 F24)

Segundo Knijnik (2011), a escola que é inculcada da cultura e reflexo da comunidade, acaba reforçando conceitos da sociedade, como meninos sejam mais ativos em atividades de força, já as meninas se esperam mais passividade e envolvimento em outras atividades diferentes das ditas masculinas.

Não tinha incentivo da própria escola, só tinha uma equipe, não era tão divulgado o futsal dentro da escola, já o masculino tinha. Algumas pessoas que chegavam pra falar “mas é esporte de homem” e tal, “não é pra menina tá praticando essas coisas”, essas foram as grandes dificuldades do início. (E10 F3)

7.1.2 Migração para outros esportes

Segundo Almeida, Couto e Leite (2009), nas aulas de Educação física é comum questões de gênero surgirem durante a aula, em que são propostas intervenções de esporte, pode ter diferenças na intervenção de acordo com o sexo dos alunos. Para os meninos cabe como principal conteúdo o futsal, já as meninas, geralmente participam de esportes como voleibol e handebol.

Quando as pessoas vêm eu e outras meninas voltando do treino e perguntam “você treinam o que, vôlei ou handebol?”, a primeira opção nunca é o futsal é sempre um esporte tipicamente feminino do tipo vôlei ou handebol. Perguntam também desse tamanho e joga futsal? (E1 F6)

Por não ter escolinhas de futsal feminina na escola, muitas meninas acabam migrando para outros esportes, como podemos ver na fala da atleta abaixo:

Passei anos brigando pra ter futsal feminino na escola e nunca teve. Ai eu migrei pra outros esportes, joguei basquete e vôlei na minha época na escola. Boa parte da minha época escolar fui jogadora de basquete e vôlei. Na escola mesmo o futsal, não

conseguíamos implantar, mesmo tendo boas jogadoras a gente terminou nunca conseguindo implantar. (E3 F2)

Segundo (E9 F3.1), “o desejo de praticar futsal sempre foi grande, porém na escola não tive a oportunidade de praticar um esporte que eu gosto, pois não tinha seleção feminina de futsal e eu acabei migrando para outros esportes”.

Segundo Goellner (2005), esportes de força, que gerem esforço físico, suor excessivo, emoções e a habilidade esportiva não são equivalentes a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal, uma mulher que se arrisque a praticar tal esporte, pode acabar desfazendo uma imagem ideal de ser feminina. Além disso, poderiam desestabilizar a estruturação de um espaço de sociabilidade criado e mantido sob domínio masculino e acabar incomodando os mesmos.

Acho que é por parte de um preconceito que já vem de muito tempo de acharem que futebol é coisa de menino e vôlei é coisa de menina e se incomodam quando as meninas querem praticar o futebol. (E11 F9.2)

7.2 Preconceito

7.2.1 Situações de preconceito

Segundo Bento (2004), o clube desportivo está se distanciando do motivo de sua criação, que consiste em incentivar a prática desportiva aos seus membros, pois está deixando de considerar alguns grupos de pessoas. Torna-se mais atraente para os jovens do que para os adultos, abriu as portas mais aos homens do que às mulheres. Isto é, especializou-se num desporto que hoje é manifestamente minoritário. E o que se diz do clube aplica-se a federações e associações.

Segundo Souza (2015), as mulheres que participam de esportes considerados de perfil masculino sofre com diversas relutâncias, pois esse tipo de desporto tem sido convencionalmente um espaço de privilégios, que são construídos e afirmados na expressão da masculinidade . A atuação feminina em desportos ditos masculinos tende a ser visto por homens e mulheres, como uma ameaça à noção convencional de masculinidade e feminilidade.

Sim, porque como eu disse eles ligam o futsal á uma coisa de homem então, como eu falei, quando você fala que joga futsal eles já tem um estereótipo de menina que é meio masculina e que namora outras meninas então tem sempre isso. (E7 F9)

Segundo Goellner (2005), existe um medo de que o esporte possa masculinizar suas praticantes, essa questão direciona-se, não apenas para as modificações de seu caráter, mas, sobretudo, para a sua aparência. Afinal, julgava-se/ julga-se o quão feminina é uma mulher pela exterioridade do seu corpo. Argumentos que sustentam esses discursos estão baseados em um olhar essencialista dos gêneros, segundo a qual, a cada sexo correspondem algumas características que lhe são inerentes e, estas os definem.

Existe,as vezes, o preconceito da própria família que não é tão próxima, não digo pai nem irmão, mas o povo da família mais distante já chegou a falar, as vezes, nem pra você, mas para os seus pais que é muito masculino que muda até a forma de vestir e andar, mas acho que o esporte não reflete isso. (E10 F8)

Goellner (2005), mesmo com vários avanços no cenário do futsal feminino, ainda é precária a estruturação da modalidade no país,pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas que são direcionadas para o incentivo às mulheres que desejam praticar esse esporte. Para além destas situações a mídia esportiva quase que não oferece espaço ao futebol feminino e quando o faz, geralmente, menciona não tanto os talentos esportivos das atletas, árbitras ou treinadoras, mas a sua imagem e o seu comportamento.

Questões de campeonato, eu acho que tem pouca divulgação principalmente por ser feminino, as pessoas tem mais preconceito e tudo. O próprio campeonato cearense você só ouve falar do masculino e o feminino acontece na mesma época e ninguém vê noticia, a federação não divulga, não coloca no site nem nada, acho que essa é a maior dificuldade. (E9F5)

7.2.2 Questionamento da sexualidade

Segundo Souza (2015), muitas mulheres praticantes de desportos considerados como mais apropriados aos homens, para além da resistência que possam encontrar, vejam sua identidade e, por vezes, sua orientação sexual questionadas, pois estão envolvidas em desportos que não se conformam às idéias de mudanças com a inserção de mulheres no âmbito esportivo.

Acho que o preconceito vem na surpresa quando alguém pergunta que esporte você faz, e eu respondo futsal ai você sente a surpresa nas pessoas. Mas também tem a questão que eu falei de não deixar jogar com os meninos, quando tem racha eles

ficam meio restritos, mas quando eles vêem que eu não sou uma menininha que joga assim tão ruim eles aceitam mais (E8F7)

Existe um forte discurso que afirma a feminilidade por parte das jogadoras, que tentam distanciar de um padrão estabelecido masculino, porém há uma tentativa de reforço deste padrão para fugir de acusações de masculinidade e lesbiandade. (PACHECO, 2014).

As mulheres participantes de esporte de contato, muitas vezes acabam caindo em contradição, pois na tentativa de mostrar que a mulher também sabe jogar e merecem seu espaço, acabam por reproduzirem categorias masculinas do jogo – força, resistência, agüentar as pancadas sem frescura – que contribuem para a exclusão de outros tipos de feminilidade do jogo, mesmo que afirmem que o jogo é para todos (PACHECO, 2014).

A gente tava treinando na boa e o cara do outro lado, acho que era até goleiro, disse “olha cuidado pra não quebrar a unha, não manchar o esmalte” e eu fiquei “como assim, porque ele está falando isso?”. Coisa de que como fossem todas delicadinhas não eram pra está ali (E10 F6)

Faz-se necessário considerar a existência da homofobia, que ocorre também em forma de brincadeiras, piadas e comentários. Essa atitude pode gerar um afastamento de jovens praticantes do esporte. (GOELLNER, 2010).

[...] em momentos de estágio eu observei que na escola mesmo uma menina me relatou que gosta muito de jogar, mas que não jogava porque os meninos chamavam ela de sapatão, então ela deixou de praticar uma coisa que ela gostava por conta do que os meninos falavam. (E5 F 7.1)

A orientação sexual culturalmente está relacionada a um marcador identitário sobre o qual incidem muitos preconceitos. Precisamos deslocar esse foco, pois, afinal, a quem interessa a orientação sexual de uma pessoa se não a ela própria e àqueles (as) com quem se relaciona. (GOELLNER, 2010).

Tem muita piada sobre isso, eu acho que não é porque eu sou menina e pratico futsal eu posso ser ou não lésbica, mas isso não está condicionado a eu praticar o esporte em si, qualquer esporte pode acontecer isso, você nasce assim, não é o esporte que vai fazer você ser uma coisa ou outra. (E12 F7)

7.3 Universidade

Segundo Bento (2004), a universidade até poucas décadas, era uma instituição em que a principal característica não era a serventia para a sociedade e sim o afastamento em

relação a esta. O seu papel era o de visionar a sociedade e de permitir que esta se visionasse a si própria em longo prazo.

7.3.1 Incentivo ao desporto universitário

Segundo o site da Universidade Federal do Ceará o desporto universitário busca proporcionar aos seus alunos a prática de esportes e atividades de lazer, além da promoção de jogos internos da UFC, os jogos universitários cearense e os jogos universitários brasileiros. A seleção de futsal feminina da UFC possui o mesmo técnico da seleção masculina de futsal o professor Wildner Lins. Podemos perceber com as entrevistas que as atletas possuem incentivo similar ao masculino em relação à comissão técnica, espaço adequado para o treinamento, material esportivo e incentivo para participar de eventos esportivos.

A UFC dá incentivo pras 2 equipes, sempre que tem campeonato pra participar, algum evento, alguma liga universitária em outras cidades. O dinheiro e o incentivo da universidade nunca foi problema pra que a gente participasse não. (E9 F8)

O dever de uma instituição de formação e investigação em ciências do desporto não se aplica apenas a uma única tarefa, mas sim em varias e todas elas conjugadas na causa de impulsionar um entendimento e uma vivência do desporto à altura das exigências culturais do nosso tempo. A instituição deve ir além da ciência, da difusão e criação do saber, tem o encargo de buscar esforços e instrumentos de modelação do desporto e da vida, no caminho de um comprometimento ético e cultural. Para além da prática do futsal feminino, que é uma realidade, a universidade não pode esquecer de pregar preceitos de respeito e valores para que o desporto seja um ambiente agradável para todos que desejem praticar.

E que você não vê no masculino o cara dizendo “ah! não fiquei masculino por isso ou aquilo”. No feminino sempre tem esse tipo de bobagem termina que pra justificar alguma coisa o gênero termina entrando, mas no geral a UFC vem vindo bem eu tenho 10 anos de UFC hoje eu acho que é a época que está mais equilibrado os dois tratamentos, mesmo uniforme, treinador regular e horário de treino regular. (E3 F8)

Em relação à disponibilidade de viagem e dinheiro não, porque isso vem muito do coordenador de esporte que por ser o nosso técnico e por ser uma pessoa coerente nessa parte ela demanda tempo e esforço de igual pra igual, mas a gente percebe uma diferença quanto ao tratamento de outras pessoas, como se tratassem a parte masculina com mais seriedade, eles não podem ficar sem treino, eles têm que ter isso eles têm que ter aquilo, e às vezes já sugeriram priorizar mais o masculino e não o feminino. (E7 F8)

Segundo Goellner (2005), Apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres nesta modalidade deve ser avaliada com cautela, pois apesar destes significativos avanços, ainda é corriqueira a falta de incentivos e a desvalorização da mulher, não só como atleta, mas também na composição da arbitragem de jogos, na comissão técnica e equipes dirigentes.

Quando foi perguntado sobre diferenças no time masculino e feminino, foi levantada a questão a respeito da falta de bolsistas femininas no auxílio do time.

Nas bolsas, por exemplo, são ofertadas mais para os homens que eu já vi isso. (E8 F8)

A gente já teve uma menina, mas é mais por falta de opção mesmo. Talvez as meninas não se interessem e a que teve aqui também não contribuiu muito para o treino em si. (E8 F8.1)

O presente estudo mostrou que, poucas escolas investem no futsal feminino em Fortaleza-CE, por tal motivo a falta de opção leva as meninas a praticarem outras modalidades. Quando surge uma oportunidade de praticar o esporte futsal, muitas vezes a inexperiência na infância acarreta dificuldades técnicas e táticas no jogo. O preconceito é recorrente para as atletas, muitas são consideradas masculinizadas e muitas vezes tendo sua sexualidade questionada, apenas pela opção de esporte, mas com tudo a Universidade oferece apoio as atletas para que apesar das dificuldades culturais e sociais, elas possam praticar o desporto com qualidade.

Bento (2005) faz-se necessário reiterar que a Universidade não é uma instituição apenas para estudante, nem só para formá-los, não podemos nos desviar da missão de ser uma ciência de valores, de iluminar o desporto com a luz de preceitos e normativos que o fundam como um sistema humana e moralmente bom. Dito isso não é sensato moldar as instituições universitárias para servirem interesses egoístas, mas sim de desenvolver centros comprometidos com as causas da sociedade e Humanidade. Não podem e não devem servir mais ninguém.

8 CONCLUSÃO

De acordo com os autores abordados durante o trabalho e nos resultados discutidos na pesquisa, é plausível compor pontos conclusivos a respeito das percepções sobre gênero e preconceito no futsal feminino.

Foi percebido que na iniciação, muitas meninas não tiveram acesso a uma escolinha de futsal, pois geralmente essa modalidade só é oferecida para os meninos. Devido fatores como a falta de escolinha e o preconceito com a mulher praticante de futsal, muitas meninas acabaram migrando para outros esportes como vôlei e handebol.

Infelizmente ainda é notório o numero de relatos que envolvem situações de preconceito, que geralmente ocorre a partir de um estereótipo da mulher praticante de futsal como sendo masculinizada, além do frequente questionamento a respeito da sexualidade, relacionando a escolha do esporte à sexualidade.

Na Universidade Federal do Ceará podemos notar que o incentivo em relação à comissão técnica, espaço adequado para o treinamento, material esportivo e incentivo para participar de eventos esportivos é similar ao masculino, as atletas dispõem do mesmo técnico do desporto masculino.

A universidade para além do incentivo ao desporto, deve se comprometer em uma formação de profissionais que não se acomodem em meio aos estereótipos e que não sejam socialmente acomodados às desigualdades e contradições sociais. Os profissionais devem refletir na escola o respeito à diversidade e aceitação das diferenças, independente do gênero ou orientação sexual adotada.

Faz-se necessário que os professores de educação física iniciem uma reflexão sobre sua prática pedagógica e tentem combater os estereótipos que permeiam as aulas, dando à educação física um caráter transformador. É indispensável o aluno seja ajudado a compreender o seu papel na mudança e no questionamento cultural, mostrando que a prática de atividades físicas não é de forma alguma imprópria às mulheres. Os alunos devem ter disponíveis diversas modalidades, para escolher a que mais se identificar.

O estudo obteve sucesso em obter informações sobre o preconceito sofrido por atletas de futsal feminino, porém possui limitações a respeito da abordagem do assunto corporeidade, devido à maioria das atletas não ter a musculatura desenvolvida e não possuírem treinos mais intensos para musculação. Para um próximo estudo seria interessante abordar atletas com treinos regulares de musculação, para obter uma musculatura desenvolvida e saber se essas atletas sofrem algum tipo preconceito por ter uma musculatura que culturalmente é mais desenvolvida por homens. Outra limitação do estudo foi o tempo de

entrevista, pois algumas das atletas falaram pouco, e respondiam com poucas palavras, deveria ter sido usado estratégias de perguntas melhores elaboradas, que possibilitassem uma melhor fala das atletas.

Sugere-se que mais trabalhos que abordam essa temática sejam realizados no sentido de ampliar o conhecimento a respeito das questões de gênero que permeiam o futsal, bem como expandir a apropriação do esporte por mulheres que desejam praticar ou trabalhar em áreas afins.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 445-65, 2003.
- ADELMAN, Miriam. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, v. 12, n. 1, p. 11, 2006.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Silvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: "meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar"? **Estudos feministas**, p. 491-501, 2011.
- BASTOS, Paula Viotti; NAVARRO, Antonio Coppi. O futsal feminino escolar. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 1, n. 2, 2009
- BENTO, Jorge Olímpio. **Desporto: discurso e substância**. 2004.
- DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.
- DE ALMEIDA, Giliane Duarte; COUTO, Hergos Ritor Fróes; DOS SANTOS LEITE, Gerson. Olhares sobre as relações de gênero na prática do futsal na educação física escolar. 2009.
- DE SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes, ano XIX**, n. 48, 1999.
- DE SOUZA, Gabriela Conceição et al. Rosiclea Campos no judô feminino brasileiro. **Estudos Feministas**, v. 23, n. 2, p. 409-428, 2015.
- DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.
- Desporto da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: www.ufc.br/desporto-universitario. Acessado em outubro de 2017.
- DEVIDE, Fabiano Pries. COUBERTIN E SAMARANCH: DA EXCLUSÃO À INCLUSÃO DAS MULHERES NOS JOGOS OLÍMPICOS MODERNOS. **Corpus et Scientia**, v. 1, n. 1, 2005.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. In: Revista brasileira de História. São Paulo, v. 25, n° 50, 2005, p. 315 – 328.
- GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem histórias. *Pensar a Prática*, Goiás, v. 8, n.1, p. 85-100, jan./jun. 2005a.
- GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo v. 19, n. 2, p. 143-151, jun. 2005b.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o

- reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, 2010.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.
- KNIJNIK, Jorge. Teatro infantil, gênero e Direitos Humanos: um olhar crítico sobre as peças Felizardo e O menino Teresa. **Estudos Feministas**, p. 777-800, 2011.
- MONTEIRO, MARCOS VINICIUS PEREIRA. A construção identitária nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 339-359, 2017.
- MOREL, Marcia; SALLES, J. G. C. Futebol feminino. **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte**, 2005.
- MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, 2008.
- PACHECO, Leonardo Turchi. Lugar de mulher... é no Rugby”: notas sobre relações de gênero e corporeidade no interior de Minas Gerais. **Reunião Brasileira de Antropologia–Diálogos antropológicos expandindo fronteiras. Anais... Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal**, p. 1-13, 2014.
- SALVINI, Leila; DE SOUZA, Juliano; JUNIOR, Wanderley Marchi. A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 3, p. 401-410, 2012.
- SOUZA, Juliana Sturmer Soares; KNIJNIK, Jorge Dorfman. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 21, n. 1, p. 35-48, 2007.
- FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa-3**. Artmed Editora, 2008.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e participar na pesquisa de campo referente à pesquisa intitulada: Futsal feminino universitário: Percepções sobre questões de gênero e preconceito no esporte, desenvolvida por Sabrina Freitas Araújo. A quem poderei contatar / consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 992349090 ou e-mail sabrinafreitasufc@gmail.com.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é Analisar percepções de atletas de futsal feminino sobre possíveis desigualdades e preconceitos de gênero no contexto do desporto universitário da UFC.

Fui também esclarecida de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista semi-estruturada [a ser gravada a partir da assinatura desta autorização].

Fui ainda informada de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

FORTALEZA, ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____

APÊNDICE B – ENTREVISTAS FUTSAL FEMININO UFC

Código: E1

Data da entrevista: 02/10/2017

Idade: 20 anos

Tempo de prática: 4 anos

1 Para iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte?

No futsal, na educação física que tinha no colégio não muito, mas quando eu jogava na rua e também quando tinha intercalasse no colégio.

Iniciei na educação física do colégio, jogava nos interclasses, mas não era regular. Jogava também na rua.

2 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Sim, porque não tinha iniciação na minha escola. Na escola não tinha aula de futsal para as meninas. A escolinha de futsal era para meninos, então eu nunca tive uma iniciação oficial.

3 Você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Percebo que o meu condicionamento físico está muito melhor do que quando eu não jogava.

3.1 Em relação a musculatura você nota diferença?

Noto sim, definiu mais a minha musculatura.

4 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

No momento não tenho, porque no meu semestre estou com poucas disciplinas, mas já teve semestre que, quando estava mais pesado, eu tive que deixar de ir para alguns treinos para estudar.

5 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Meus amigos, a maioria joga e o pessoal do IEFES é de boa, minha mãe apóia, não vê nenhum problema, mas tem uns que ainda soltam piadinha, como “o que é que mulher quer jogando bola”.

6 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Sim, a gente vê muito até na própria arbitragem de jogo, pois o esporte acaba sendo um jogo muito pegado. Você assiste a um jogo de futsal feminino e aos caras se batendo, já no futsal feminino você mal pode encostar direito que é falta. Percebo que os próprios árbitros, alguns, não levam a sério. Quando as pessoas vêm eu e outras meninas voltando do treino e perguntam “você treinam o que, vôlei ou handebol?”, a primeira opção nunca é o futsal é sempre um esporte tipicamente feminino do tipo vôlei ou handebol. Perguntam também “Desse tamanho e joga futsal?”.

7 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos (competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Vejo não, até por termos o mesmo técnico e ele ser coordenador do desporto. Na verdade ele prefere mais o time feminino do que o masculino, acho que dentre os dois futsals não, pode ter mais de um esporte pro outro, como incentivo do futsal e do atletismo, mas o futsal feminino e masculino é bem parecido.

Código: E 2

Data da entrevista: 05/10/2017

Idade: 23anos

Tempo de prática: 10anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte?

Desde pequena meu pai me incentivou muito a gostar do futebol e ai eu comecei a jogar na escola mesmo. Jogava também na rua com o meu irmão e os amigos dele, mas o futsal mesmo foi na escola... é só isso mesmo.

2 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Não, nunca enfrentei nada difícil não. Meu pai sempre me apoiou, não me apoiou cem por cento, mas não pela questão de eu ser mulher, mas porque ele tem medo que eu me machuque, ai ele não gosta tanto, mas ele nunca me proibiu nem quis me proibir de jogar.

3 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Ter a oportunidade na escola e as meninas que jogavam também, nunca encontrei nada assim pra me impedir.

4 Você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Com certeza, melhorei um pouco a condição física, porque eu também faço academia junto e consigo manter mais o meu peso que antes eu não conseguia, ou engordava direto ou emagrecia, ficava esse efeito sanfona. Agora eu consigo manter meu peso ideal, só tenho dificuldade pra engordar, mas estou conseguindo ficar sem perder.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Só questão de o meu curso ser integral, as vezes eu estou muito cansada pra vim treinar a noite é muito ruim, mas não tenho muita dificuldade aqui não.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Meus amigos adoram, todas as referencias de sedentarismo eles ficam (como eu posso dizer) ficam me dando como exemplo, eu que sou esportista. Eles adoram que eu viaje que eu vá pra competições e meus pais também, como eu disse é só o medo de me machucar mesmo. Quando eu viajo claro que eles ficam preocupados, com medo de eu pegar estrada e tal, mas sempre ficam torcendo pra gente ganhar essas coisas.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Não, comigo não.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Por incrível que pareça nunca vi diferença não. Tem competição que a gente vai que o masculino também vai, geralmente tem escola que dá preferência ao masculino, mas aqui eu nunca notei, nem diferença no material também não.

Código: E3

Data da entrevista: 05/10/2017

Idade:anos: 31

Tempo de prática:10anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Comecei a jogar criança, batendo bola normalmente, vindo no futebol uma brincadeira. Então jogar como brincar eu sempre fiz, agora jogar como esporte mesmo foi que demorou um bocado.

2 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Passei anos brigando pra ter futsal feminino na escola e nunca teve. Ai eu migrei pra outros esportes, joguei basquete e vôlei na minha época na escola. Boa parte da minha época escolar fui jogadora de basquete e vôlei. Na escola mesmo o futsal, não conseguíamos implantar, mesmo tendo boas jogadoras a gente terminou nunca conseguindo implantar.

3 Em sua história de vida o que dificultava sua prática esportiva?

Dificuldades na iniciação eu tive todas.Fui começar a jogar futebol de fato muito tarde, comecei a jogar futebol de fato aqui na UFC. E mesmo aqui na UFC no inicio não tinha divisão de desporto, então era muito de qualquer jeito, com algum amigo topando ser treinador, juntando time em cima da hora pra jogar, e por ai vai, até começar a organizar aqui mesmo dentro da UFC e eu realmente ter a vivencia do futsal como esporte, de viajar para jogar campeonato, de ter treino regular, dia de treino e horário regular. Antes era tudo muito na coxa.

4 Você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Como hoje em dia eu sou goleira a minha composição corporal muda muito pouco dentro do futsal, mas muda tipo aspectos mais psíquicos, eu fico mais tranquila quando eu treino e eu fico mais bem humorada quando eu treino. A composição corporal muda pouco porque eu não estou tendo um grau de treinamento elevado, já estou velhinha só venho brincar de jogar bola hoje em dia, mas tento vir pelo menos 2 vezes por semana pro treino, passei um tempo sem jogar porque eu estava machucada, essa diferença eu não vejo mais hoje em dia, mas quando eu treinava realmente com uma pegada mais forte existia, até pelo cuidado que eu tinha fora daqui, de treinar fora pra jogar melhor.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Como já sou formada, hoje a dificuldade que eu tenho são os horários, os horários dos treinamentos são horários que pra um educador físico é de trabalho, você vai perceber isso, mesmo depois de formada você não tem aquele horário, 6h da noite ainda é um horário de trabalho dentro da educação física. Minha dificuldade basicamente é essa hoje, horário e o tempo.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Aceitação familiar sempre foi legal muito tranquilo e amigos também, tinha confusão de criança, eu tive todas as confusões de criança possíveis, mas eu não posso dizer que dentro do contexto de infância e adolescência existiu algum grande trauma ou algum grande problema pra jogar dentro de um contexto infantil ou até mesmo de adolescência, acho que a maioria

dos problemas era com os adultos não com a ala mais jovem mais criança e adolescente.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Algumas vezes, hoje já adulta tive chance de jogar por brincadeira olimpíada de futsal de ex alunos do colégio, meus amigos me convidaram pra jogar com eles, e eu era a única menina jogando na equipe masculina e de ter atleta que falava que não tinha como jogar com uma menina na quadra, porque a goleira era uma mulher e a gente vai machucar ela, sendo que eu atleta de futsal e eles sem nunca ter sido atleta de porra nenhuma na vida e vim dizer esse tipo de coisa e não perceber que uma pessoa, que por mais de ter uma menina ali ela que era treinada e não você, você jogou outra coisa, e assim ainda achar que por algum motivo, que pra mim é só preconceito e jumentice, não pode está ali, mas a maioria dos percalços foi já com isso a um ou outro jogo de brincadeira quando entrava homem e veio isso a acontecer, no geral.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Universidade: creio que não, assim alguns problemas eu já vivenciei, problemas com treinadores e algumas piadas do tipo “o treinador não fica no feminino porque o feminino é isso ou aquilo”, desse tipo de bobagem. Creio que no masculino existe alguns problemas também desse termo, no geral o problema é que usam o gênero pra dar desculpa entende? E que você não vê no masculino o cara dizendo “ah! não fiquei masculino por isso ou aquilo”. No feminino sempre tem esse tipo de bobagem termina que pra justificar alguma coisa o gênero termina entrando, mas no geral a UFC vem vindo bem eu tenho 10 anos de UFC hoje eu acho que é a época que está mais equilibrado os dois tratamentos, mesmo uniforme, treinador regular e horário de treino regular.

Código: E4

Data da entrevista: 09/10/2017

Idade: 19 anos

Tempo de prática: 4 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte?

Tipo, eu entrei no IFCE e lá era obrigatória a prática do esporte. No primeiro semestre era natação, só que depois você poderia optar por qualquer esporte, ai eu fui para o futsal.

1.1 com quantos anos?

Com 15 anos

2 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Não porque tinha as turmas de iniciação e o professor ensinava direitinho. Não tive nenhuma dificuldade não.

3 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Sim, estar no IFCE

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Tem mudanças, mas são mais questão de saúde e ter disposição pra fazer as coisas.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Na UFC estou iniciando agora e ainda não encontrei.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

O meu pai gosta muito de esportes então ele acha legal e minha mãe também, não tem problema não, só acha ruim quando eu chego com roxo em casa ai ela fica preocupada.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Sempre tem, mas quando eu vou jogar a maioria é aluno também e pessoas do meu meio.-7.1

7.1 você já passou por alguma situação que queira contar ?

Já passei, mas eu relevo.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Até agora não vi nenhuma diferença,

Código: E5

Data da entrevista: 09/10/2017

Idade: 20 anos

Tempo de prática: 8 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Eu conheci primeiramente o futsal por conta da minha família, meu pai sempre jogou futebol e minhas irmãs também sempre jogaram futsal, então eu iniciei muito cedo, acho que com uns 10 anos já tava jogando na escola e também pela cultura da escola que só tem o futsal e foi por isso que eu me afeiçoei a modalidade.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

O espaço, sempre tive ginásio perto da minha casa, então eu sempre tive esse local pra jogar com a família e os amigos. A escola também, como eu já disse anteriormente na minha escola é muito hegemônica essa modalidade então foi mais fácil praticar.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Assim, eu nunca tive um treinamento específico no futsal, fui começar a ter treinamento aqui na universidade, então eu tive muita dificuldade em questões táticas e pra entender o jogo, a compreensão de jogo e também as técnicas sem relação a um passe, um passe certo essas coisas assim.

3.1 na escola que você estudava tinha uma seleção específica feminina?

A gente conseguia montar um time em momentos de intercalasse ou de jogos escolares, mas era muito difícil, a gente conseguia montar uma equipe com seis meninas no máximo, mas era muito difícil.

3.2 E pra jogar com treino regular e técnico era possível essa opção para as meninas?

Não tinha como, até porque a gente não tinha quem acompanhasse a gente. Era difícil.

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Eu sinto que o meu condicionamento está melhor, mas em termos de musculatura e de estética não muito. Eu sempre tive o mesmo peso

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Principalmente conciliar como estudos à medida que vai avançando. Chegando mais próximo da conclusão do curso vai ficando mais difícil porque aparece estágio e eu tenho outra bolsa pra conciliar, fica muito difícil, até tirar um tempinho pra estudar no dia a dia é difícil.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

A minha família aceita relativamente bem, meu pai ele tem certo receio por questão de acreditar que existem lésbicas e tal no futsal, ele ainda tem essa dificuldade de aceitar, mas todos gostam. Me chamam de atleta da família porque eu viajo e chego em casa com medalha, a maioria fica feliz com isso só o meu pai que tem essa dificuldade.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Comigo não, mas eu já presenciei com outras pessoas, alguns comentários maldosos, mas não necessariamente comigo

7.1 vocês querem contar alguma situação?

Eu não lembro muito bem, mas até em momentos de estágio eu observei que na escola mesmo uma menina me relatou que gosta muito de jogar, mas que não jogava porque os meninos chamavam ela de sapatão, então ela deixou de praticar uma coisa que ela gostava por conta do que os meninos falavam.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos (competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Aqui na universidade não, mas pra população masculina geralmente é mais fácil o acesso ao esporte. Digamos assim, desde sempre eles tem acesso ao futsal então eles tem mais técnica e mais tática então a gente tem mais dificuldade de aprender nesse âmbito.

Código: E 6

Data da entrevista: 09/10/2017

Idade: 22anos

Tempo de prática: 10 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Foi na escola, eu tinha escolinha mesmo no colégio Antares, onde eu estudava e tinha treino 2x por semana.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Na verdade foi bem difícil, a gente conseguiu essa escolinha no colégio porque as meninas foram atrás mesmo, mas não existia isso, tanto que quando a gente saiu acabou o time que tinha lá.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Normalmente tem família que não gosta que você pare de estudar ou perca tempo de estudo pra estar jogando e nem se dedique tanto, querem que seja mais um passa tempo, mas como a gente gosta muito vai e treina, faz físico.

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Eu sinto menos cólica, agora no físico pro nível de esporte que eu faço ele me impede de ganhar mais peso, mas eu não vejo tanta definição muscular porque e não pratico muito.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

As cadeiras, porque meus horários são muito complicados e acaba que as vezes quero treinar e eu tenho que deixar a cadeira pra um próximo semestre pra não ser no mesmo tempo, e a rotina acaba sendo muito puxada.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Eles gostam que eu pratique. Pros meus pais, o problema não é a questão de gênero é mais por tá dedicando muito tempo ao esporte e não a faculdade.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Os homens geralmente acham que a gente não joga tão bem como eles né, e sempre fica aquela expressão de surpresa quando eles vêem que a gente joga ate melhor e eu acho que isso é um tipo de preconceito. Eles nunca esperam que a gente saiba jogar a ponto de jogar com eles.

8 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/heterossexual) por prática futsal?

Isso acontece muito, mas no meio que eu vivo não.

9 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Acho que a UFC atualmente investe bem. Desde que eu entrei na UFC e na seleção, a gente vai para os mesmos campeonatos que os meninos na maioria das vezes e tem um bom investimento no esporte.

Código: E 7

Data da entrevista: 16/10/2017

Idade: 23 anos

Tempo de prática: 10 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Meu início no esporte se deu quando eu tinha 11 anos, quando comecei a treinar na escola evolutivo e lá os treinos eram regulares, dia de segunda, quarta e sexta e a gente participava de muitas competições então foi o meu início mesmo no esporte.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Eu encontrei facilidade no começo, meu pai apoiava bastante, inclusive ele me levava aos treinos e assistia meus treinos. No início foi bem tranquilo a prática esportiva não tive nenhum impedimento.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Mais relacionado à locomoção, mas nada relacionado a outros problemas.

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Eu era bem mais magra, depois da prática eu percebi um desenvolvimento muscular e eu gostei bastante, em relação ao cotidiano me vendo como mulher, eu pratico esporte não somente pelo lazer, mas pra manutenção dessa forma física.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Hoje a dificuldade maior é a conciliação das atividades referentes ao curso e a prática esportiva que fica mais apertado o tempo, é mais difícil de estudar e se dedicar então a dificuldade é essa.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Como eu disse no começo, quando eu era criança foi muito bem recebido, inclusive tem aquela coisa porque é criança. Depois de um tempo isso passou a ser visto com um pouco de maus olhos, inclusive por eu está dentro da faculdade e praticar esporte que é uma coisa que já não é muito bem vista, imagina pra uma mulher que pratica futsal. Eu acho que hoje a família não apóia e por eles eu já tinha abandonado o futsal.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Sim, as pessoas às vezes assistiam jogos e hoje mesmo quando eu falo que jogo futsal as pessoas mesmo já tem aquele padrão estereotipado, ou seja, elas já acham varias coisas. Sem falar que dizem que mulher não joga bola, mas além disso tem esse padrão, esse estereótipo por eu jogar futsal

7.1 Já passou por alguma situação que queira compartilhar?

Já disseram que era muito feio mulher jogando bola, parecia um homem, isso eu já escutei varias vezes

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Em relação a disponibilidade de viagem e dinheiro não, porque isso vem muito do coordenador de esporte que por ser o nosso técnico e por ser uma pessoa coerente nessa parte ele demanda tempo e esforço de igual pra igual, mas a gente percebe uma diferença quanto

ao tratamento de outras pessoas, como se tratassem a parte masculina com mais seriedade, eles não podem ficar sem treino, eles tem que ter isso eles tem que ter aquilo, e as vezes já sugeriram priorizar mais o masculino e não o feminino.

9 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/heterossexual) por prática futsal?

Sim, porque como eu disse eles ligam o futsal á uma coisa de homem então, como eu falei, quando você fala que joga futsal eles já tem um estereótipo de menina que é meio masculina e que namora outras meninas então tem sempre isso.

Código: E8

Data da entrevista: 23/10/2017

Idade: 25 anos

Tempo de prática: 8 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Foi jogando na rua da minha casa, o pessoal se reunia e começava a jogar mesmo, travinha no meio do calçamento, no meio da rua a gente jogava.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Eu não consigo lembrar como foi a experiência dos primeiros contatos, mas era fácil porque eu gostava de correr mesmo. Eu jogava a brincadeira de pega-pega com o correr e o futsal,, eu acho que a facilidade foi essa e ter as pessoas pra jogar na rua.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Sempre na escola que tinha as competições e eu participava.

3.1 Você tinha acesso a uma escolinha feminina?

Não, era mais pra participar de jogos escolares mesmo, mas eu tinha dificuldades na hora da educação física raramente tinha menina que gostava de jogar ai a maioria era só os meninos, ai eu tinha que jogar com eles e eu dava o maior valor e mesmo eu vendo que eles realmente não gostavam porque era uma menina jogando. Eu ficava bem triste com isso, com as meninas não quererem jogar era mais sentada conversando enquanto eu era doida pra jogar.

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Não, porque eu sempre fui magrinha. Quando comecei a treinar aqui na UFC com horários fixos e frequentar academias, notei melhorias que ajudaram no futsal.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

A dificuldade é mais a questão do tempo mesmo, a correria do dia a dia você vai de manhã pra bolsa e passa a tarde toda em aula, então é bem cansativo vir pro treino a noite. Você vem mesmo por que você gosta de praticar.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Como eu sempre morei com a minha mãe ela nunca foi restrita a isso, ela sempre deixava a gente viajar na escola em competições, embora eu lembre que outras meninas muitas mães não deixavam era bem paia isso.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Acho que o preconceito vem na surpresa quando alguém pergunta que esporte você faz, e eu respondo futsal ai você sente a surpresa nas pessoas. Mas também tem a questão que eu falei de não deixar jogar com os meninos, quando tem racha eles ficam meio restritos, mas quando eles vêem que eu não sou uma menininha que joga assim tão ruim eles aceitam mais. Você percebe que quando você joga com meninos você dá um drible e todo mundo fica assim “Oh!”, como se fosse a coisa mais absurda uma mulher dá um “olé” ou fazer um gol,você percebe claramente isso.

7.1 Você gostaria de compartilhar algo mais?

Tão automático isso e não era pra ser surpresa isso era pra ser uma coisa normal é um esporte que você está praticando.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos (competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Nas bolsas, por exemplo, são ofertadas mais para os homens que eu já vi isso.

8.1 Já ocorreu de alguma menina trabalhar na parte técnica?

A gente já teve uma menina, mas é mais por falta de opção mesmo. Talvez as meninas não se interessem e a que teve aqui também não contribuiu muito para o treino em si.

Código: E9

Data da entrevista: 23/10/2017

Idade: 22anos

Tempo de prática: 7 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Foi no colégio, eu estudava no Ari de Sá. Mudei de colégio já no 2º ano e ai lá tinha seleção de futsal feminino e foi quando eu comecei a praticar, nunca tinha praticado antes. A primeira vez em 2009.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Eu tinha um pouco de facilidade, porque eu já jogava brincando no colégio e pra me movimentar e dar passe eu já conseguia. Já a tática eu tive muita dificuldade, porque eu nunca tinha aprendido nada do futsal.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Exatamente na parte tática, tinha muita movimentação que o treinador pedia que as meninas já sabiam fazer direitinho e eu não conhecia nada, então eu tive muita dificuldade nessa questão.

3.1 existia uma seleção de futsal feminino no seu antigo colégio.

Não, eu sempre quis praticar futsal, mas o colégio que eu estudava não tinha seleção feminina ai eu acabava migrando pra outros esportes por não ter o que eu gostaria de praticar.

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Sim, definição principalmente. Quando não estou praticando eu fico mais cansada, você para de jogar por 1 ou 2 meses e já sente que a musculatura muda

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Questões de campeonato, eu acho que tem pouca divulgação principalmente por ser feminino, as pessoas tem mais preconceito e tudo. O próprio campeonato cearense você só ouve falar do masculino e o feminino acontece na mesma época e ninguém vê noticia, a federação não divulga, não coloca no site nem nada, acho que essa é a maior dificuldade.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

De família foi tranquilo. De amigos acontece, às vezes, brincadeiras dizendo“tá jogando futsal e é um esporte de homem”, coisas que a gente sempre vê no dia a dia, mais nunca tive nenhuma briga pela minha escolha no futsal

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Sim, inclusive nos próprios jogos pela UFC. A gente já jogou no Aécio de Borba e ficavam falando né, torcedores homens principalmente, ficavam brincando quando você erra algum passe ou algum chute ai ficam frescando por ser uma mulher e que não era pra está jogando etc.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Aqui na universidade não, a UFC dá incentivo pras 2 equipes, sempre que tem campeonato pra participar, algum evento, alguma liga universitária em outras cidades. O dinheiro e o incentivo da universidade nunca foi problema pra que a gente participasse não.

9 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/

heterossexual) por prática futsal?

Sim, muito, bastante. A primeira coisa quando você fala que prática futsal feminino já falam “eita, lá é cheio de sapatão, cheio de homossexual no time”, então já é algo assim que você é pré-julgada. Quando você fala que faz futsal automaticamente as pessoas já acham que você é homossexual.

9.1 Você já passou por alguma situação.

Só piadinhas como te falei, as pessoas soltam piadas. Em jogo já ouvi soltando piadas para pessoas do time. Tinha uma galera aqui que já foi alvo de algumas piadas por está jogando e falarem que ela tem um jeito masculino e que ela joga que nem homem, porque jogar bem está associado ao masculino. Quando eles vêem que é uma pessoa que tá driblando bem, “joga que nem menino” escuta muito isso da arquibancada, eles olham o jeito de andar e dizem que parece um macho.

Código: E10

Data da entrevista: 23/10/2017

Idade: 27 anos

Tempo de prática: 8 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte?

Eu comecei na escola, bem pequena, só que não tinha uma frequência de treinos muito grande. Acabei migrando para outro esporte. no caso handebol, passei quase que a vida toda jogando handebol. Foi, mais ou menos, no ensino médio 2º ano que eu voltei a jogar futsal de novo, ai passei um tempo jogando. Quando eu entrei na universidade não jogava mais futsal. Comecei a jogar handebol de novo, porque eu tinha outra equipe, então passei um tempo na universidade jogando handebol, depois voltei para o futsal, em 2013, mais ou menos, ai eu dei um tempo pra fazer intercambio e voltei ano passado.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Bem complicado, como eu falei na minha escola do interior, minha equipe não tinha tantas meninas que praticavam futsal, a gente tinha praticamente um time de 6 jogando 5 e 1 no banco, eram bem poucas então facilidades foi bem difícil, porque as próprias competições dentro da escola a gente jogava contra os meninos, o que não era um problema, eram muito novas e a questão física não diferenciava muito. De facilidades só a família que nunca empatou de praticar esporte nenhum.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Não tinha incentivo da própria escola, só tinha uma equipe, não era tão divulgado o futsal dentro da escola, já o masculino tinha. Algumas pessoas que chegavam pra falar “mas é esporte de homem” e tal, “não é pra menina tá praticando essas coisas”, essas foram as grandes dificuldades do inicio.

4 Você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Nem tanto na musculatura, mas perdi 10 quilos de um ano prá cá quando voltei a praticar, isso é bom não só por ser mulher, mas pelo corpo mesmo, você se sente mais saudável praticando uma atividade, você se sente mais leve, tudo isso e como mulher por ter vaidade, não só mulher tem vaidade todo mundo tem.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Disponibilidade de horários, mais isso assim.

6 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Com certeza, teve situações bem recentes, porque as antigas eu não vou nem lembrar. Desde o inicio, criança, você escuta que não é um esporte pra mulher, porque não é um esporte pra mulher?

Algo bem recente que aconteceu no começo desse ano: a gente tava treinando, era treino de society de futebol 7, que é no campo sintético, como a UFC não tinha disponibilidade de campo a gente alugava e quando você aluga sempre tem também aquela galera que vai pra rachar, a gente começou a treinar e tinha um campo logo ao lado do que a gente tava treinando com homens jogando, ai a gente tava treinando na boa e o cara do outro lado, acho que era até goleiro, disse “olha cuidado pra não quebrar a unha, não manchar o esmalte” e eu fiquei “como assim, porque ele está falando isso?”. Coisa de que como fossem todas

delicadinhos não eram pra está ali e é uma reação muito negativa que a gente recebe tipo “aqui não é o seu ambiente sai daqui”, só que isso é ruim porque a gente não está esperando, porem não vai me impedir de jogar, não vou deixar de ir porque falaram isso, pelo contrario, vou lá realmente pra mostrar o que eu tenho que fazer, que eu esteja lá e estou bem e que essas pessoas que falam e pensam essas besteiras é que estão erradas.

7 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos (competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Não tem diferença até o técnico é o mesmo e o investimento é igual a gente participa das mesmas competições, é claro que algumas competições são classificatórias pra outras e não tem como saber se os 2 vão se classificar. É tudo muito parecido de investimento.

8 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/heterossexual) por prática futsal?

Algumas vezes sim, acho que depende muito da pessoa que está ali lhe observando. Não é todo mundo que vai pensar a respeito disso se ela é ou não lésbica por está jogando. Existe, as vezes, o preconceito da própria família que não é tão próxima, não digo pai nem irmão, mas o povo da família mais distante já chegou a falar, as vezes, nem pra você, mas para os seus pais que é muito masculino que muda até a forma de vestir e andar, mas acho que o esporte não reflete isso.

Código: E11

Data da entrevista: 23/10/2017

Idade: 18 anos

Tempo de prática: 5 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Eu comecei, no caso, porque eu sempre gostei de futsal e tinha amigas que gostavam também e na minha escola tinha escolinha ai eu resolvi praticar, acabei gostando e continuei.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

A escolinha era paga eu não considero uma facilidade, talvez o papel do meu professor ajudou muito.

2.1 porque ele ajudou?

Ele era super compreensível e essas coisas.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Foi as pessoas julgarem muito, porque diziam que por eu ser mulher eu não podia praticar, porque isso era coisa de homem. Já perguntaram até se eu era lésbica e essas coisas.

4 você nota alguma mudança corporal com a prática do esporte e como essas mudanças interferem no seu cotidiano como mulher?

Eu acho que meu condicionamento melhorou e a capacidade respiratória e minhas pernas ficaram mais resistentes.

4.1 Você nota alguma diferença como mulher do dia a dia com essas mudanças

Não super de boa, algo natural.

5 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

A localização, apenas isso mesmo.

6 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Minha família apoia totalmente e amigos também.

7 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Com certeza, sempre disseram que era esporte de homem e já me questionaram se eu era lésbica só por eu praticar, nada contra, mas isso não influencia.

7.1 Você tem alguma situação que gostaria de compartilhar?

Nada de específico, mas só piadas mesmo em geral.

8 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Ainda não porque estou a pouco tempo na seleção.

9 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/heterossexual) por prática futsal?

Com certeza, varias pessoas no começo me questionaram e tudo mais.

9.1 como esses questionamentos afeta você?

Logo no começo eu me sentia bastante incomodada, mas hoje em dia ainda incomoda, porém, lido melhor com isso, é mais de boa.

9.2 Você acha que essa situação ocorre por que

Acho que é por parte de um preconceito que já vem de muito tempo de acharem que futebol é coisa de menino e vôlei é coisa de menina e se incomodam quando as meninas querem

praticar o futebol.

Código: E 12

Data da entrevista:30/10/2017

Idade: 20 anos

Tempo de prática: 5 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Eu me interessei desde o ensino fundamental que na educação física a partir do 6º ano a gente tinha todas as modalidades e eu me interessei muito pelo futsal, também porque eu jogava no meio da rua. Quando foi no ensino médio eu entrei para o IFCE e lá eles têm seleção que participa dos jogos dos institutos federais ai eu entrei pra seleção do IFCE, quando eu passei na UFC ingressei aqui pelo time.

2 Em sua história de vida o que facilitava sua prática esportiva?

Achei uma facilidade ter a seleção de futsal feminino na escola, pois tem colégio que não tem o esporte assim voltado para as meninas, principalmente o futsal sempre é mais o masculino que tem, é difícil ter uma seleção feminina.

3 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Minha mãe e meu pai nunca reclamaram, gostavam que eu praticasse esporte, acho que foi questão financeira pra conseguir tênis e participar de alguma escolinha que eu não participava, mas eu queria muito.

4 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Acho que os estudos puxam muito da gente e isso cobra mais. Para se dedicar o esporte e a parte dos estudos é muito pesado conciliar.

5 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Na minha família todo mundo me apóia e gostam muito, meus tios e minhas tias, meus amigos também. Eu sempre joguei com as meninas e com os meninos, não sofri preconceito de familiares e amigos.

- mas já passou por alguma situação?

Se eu passei não lembro, mas já vi de amigas que sofreram preconceito

6 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Eles têm mais competições pra jogar, então eles participam de mais competições do que a gente. Também porque o masculino ele tem aquilo que vem de criança que a menina é pra brincar de boneca e o menino pra jogar bola, então acho que os meninos têm maior número pra jogar, aqui a seleção masculina tem bem mais pessoas que a feminina, a feminina é restrita o publico.

7 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/heterossexual) por prática futsal?

Tem muita piada sobre isso, eu acho que não é porque eu sou menina e pratico futsal eu posso ser ou não lésbica, mas isso não está condicionado a eu praticar o esporte em si, qualquer esporte pode acontecer isso, você nasce assim, não é o esporte que vai fazer você ser uma coisa ou outra.

Código: E 13

Data da entrevista: 30/10/2017

Idade: 19anos

Tempo de prática: 10 anos

1 Pra iniciar, gostaria que você falasse sobre seu início no esporte.

Eu jogo desde pequena com os meus primos, ai eu entrei no Instituto Federal e comecei a participar de lá e a gente joga campeonatos estaduais entre os IFCE e depois eu passei pra cá e estou freqüentando os treinos.

2 Você enfrentou dificuldades na iniciação?

Não muitas.

2.1 Existia escolinha de futsal no teu colégio?

Não, na minha primeira escola na educação física já era mais complicado porque tinha mais meninos e eu jogava nomeio deles, não era nada específico feminino era mais na educação física mesmo.

3 Quais as dificuldades enfrentadas para continuar o desporto na universidade?

Nenhuma.

4 Como é a aceitação dos familiares e colegas próximos por saber que você é mulher e prática futsal?

Minha mãe aceita bastante, incentiva e vem assistir alguns jogos, nada contra.

5 Durante sua trajetória no esporte foi possível identificar manifestações de preconceito por ser mulher e praticar futsal?

Com certeza, é difícil não encontrar uma menina que jogue e seja vista de forma normal. Quando de vez em quando tem joguinhos com o pessoal da sala e geralmente tem mais meninos e eles meio que subestimam você por ser mulher e ai quando você faz alguma coisa e se surpreendem por você ser mulher, o que não deveria acontecer. Já ouvi comentários machistas como se não soubéssemos as regras do esporte.

6 No âmbito universitário é possível notar diferença nos incentivos(competições, técnicos e materiais esportivos) oferecido para o futsal masculino e feminino?

Eu, particularmente, tive sorte porque eu pensei que os treinadores preferiam mais treinar os meninos que as meninas, mas eu tinha um treinador que dizia que prefere treinar o feminino, porque o masculino acha que já sabe, as meninas já entendem, escutam e querem aprender mais.

7 Você nota algum questionamento a respeito da sua sexualidade (homossexual/heterossexual) por prática futsal?

Sim, com certeza, isso é uma coisa que foi difundida, que acham que as meninas que jogam só jogam porque gostam de mulheres ou porque querem ser homens, mas isso não tem relação alguma, a gente só gosta, embora seja um esporte culturalmente masculino, mas não tem relação na minha opinião, pra mim o futebol é culturalmente machista dos homens.

7.1 Você gostaria de compartilhar alguma experiência?

Já escutei de um amigo próximo meu que no grupo de meninos um deles estava interessado em alguém do time e se questionando se ela gostava de homens mesmo, apenas porque a menina jogava futsal.